



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

RAFAELA LEAL DA SILVA

**O SEGREDO DA JUREMA E O MISTÉRIO DO SONHO NO ROMANCE
“TRACEMA”: A FORMAÇÃO ÉPICA DO DISCURSO LITERÁRIO
NO EPISÓDIO DA GUARDIÃ DO SAGRADO**

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

RAFAELA LEAL DA SILVA

**O SEGREDO DA JUREMA E O MISTÉRIO DO SONHO NO ROMANCE
“IRACEMA”: A FORMAÇÃO ÉPICA DO DISCURSO LITERÁRIO
NO EPISÓDIO DA GUARDIÃ DO SAGRADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, na área de Língua Portuguesa, para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva

CAMPINA GRANDE- PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586s Silva, Rafaela Leal da
O segredo da jurema e o mistério do sonho no romance
"Iracema" [manuscrito] : a formação épica do discurso literário no
episódio da guardião do sagrado / Rafaela Leal da Silva. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento
de Letras e Artes".

1. Discurso Literário 2. Formação Épica 3. Literatura
Brasileira 4. Romance Brasileiro I. Título.

21. ed. CDD 808.5

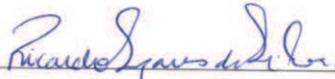
RAFAELA LEAL DA SILVA

**O SEGREDO DA JUREMA E O MISTÉRIO DO SONHO NO ROMANCE
"IRACEMA": A FORMAÇÃO ÉPICA DO DISCURSO LITERÁRIO
NO EPISÓDIO DA GUARDIÃ DO SAGRADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, na área de Língua Portuguesa, para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

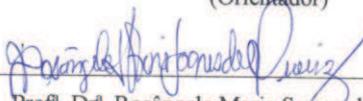
Aprovado em: 09 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA



Nota: 10,0

Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva/UEPB
(Orientador)



Nota: 10,0

Profª. Drª. Rosângela Maria Soares de Queiroz/UEPB
(Examinadora)



Nota: 10,0

Profª. M.e. Roberta Soares Paiva/UEPB
(Examinadora)

Média: 10,0

RESUMO

A partir de uma perspectiva da formação épica do discurso literário, com base na investigação do romance *Iracema*, especialmente o episódio da guardiã do sagrado, o presente artigo tem como objetivo analisar e discutir como José de Alencar construiu, em seu projeto estético-literário do romantismo indianista brasileiro, um patamar mítico e histórico fundamental para a construção da heroica indígena Iracema. Em *Iracema*, recai um trabalho de representação do nacional e de um mito fundador da nação, simbolização esta que se configura no nascimento de Macir (filho da índia com o colonizador Martim). Nas tessituras do romance em análise, o que demarca Iracema como a guardiã do sagrado é o fato de ela ser a virgem da tribo Tabajara, que guarda o segredo da Jurema e o mistério do sonho, elementos simbólicos estruturantes da cultura de seu povo, através das reverências ao Deus Tupã. Defendo, com efeito, a hipótese de que essas manifestações sagradas identificadas sob a perspectiva da herocização da indígena configuram a recriação das origens de um povo e confirmam que a construção do ideário nacionalista de Alencar se baseia numa acepção evolucionista (presente, passado e futuro) da identidade nacional, caracterizando a epicidade, que modaliza a fundação de um monumento literário do Romantismo Brasileiro. O artigo tem como embasamentos teóricos a teoria épica do discurso, de Vasconcelos & Ramalho (2007); Bosi (2006); Candido (2007) e Hansen (2006). Todas essas teorias permitem uma melhor compreensão teórica da formação épica do discurso literário.

PALAVRAS-CHAVE: Formação épica. Mítico. Segredo da Jurema. Mistério do sonho. Identidade nacional.

ABSTRACT

From a perspective of epic formation of literary discourse, based on the research of the novel "*Iracema*," especially the episode of the guardian of the sacred, this article aims to analyze and discuss how José de Alencar built in his literary project esthetic- , the Brazilian indianista romanticism, a mythical and historical level critical to building the indigenous heroic Iracema. In *Iracema* lies a national advocacy work and a founding myth of the nation, this symbolization which is configured in the birth of Moacir (son of India with Martin colonizer). In the tessitura of the novel in question, which demarcates Iracema as the guardian of the sacred is the fact that she is a virgin of Tabajara tribe, guarding the secret of Jurema and the mystery of the dream, structuring symbolic elements of the culture of his people, through the obeisance to God Tupa. I argue, in fact, the hypothesis that these sacred events identified from the perspective of the indigenous herocização, configure the recreation of the origins of a people and confirm that the construction of Alencar's nationalist ideology is based on an evolutionary sense (present, past and future) national identity, featuring epicidade that modalized the foundation of a literary monument of the Brazilian Romanticism. The article is theoretical grounds: the "epic discourse theory of Vasconcelos & Ramalho (2007); Bosi (2006); Candid (2007) and Hansen (2006). All these theories allow a better theoretical understanding of the epic formation of literary discourse.

KEYWORDS: Epic training. Mythical. Secret of Jurema. Dream mystery. National identity.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1. | ALENCAR E O ROMANCE INDIANISTA NACIONAL | 07 |
| 1.1 | Construção do ideário nacionalista e indianista de José de Alencar | 08 |
| 1.2 | As representações coletivas na obra de Iracema | 10 |
| 1.3 | A decisão de Iracema sobre o próprio destino: a alegoria do martírio | 11 |
| 1.4 | A alegoria em Iracema | 12 |
| 2. | A CONSTITUIÇÃO DA MATÉRIA ÉPICA EM <i>IRACEMA</i> | 15 |
| 2.1 | Plano histórico e maravilhoso na narrativa | 17 |
| 2.2 | A simbologia do sagrado | 19 |
| 3. | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 20 |
| | REFERÊNCIAS | 21 |

O SEGREDO DA JUREMA E O MISTÉRIO DO SONHO NO ROMANCE “IRACEMA”: A FORMAÇÃO ÉPICA DO DISCURSO LITERÁRIO NO EPISÓDIO DA GUARDIÃ DO SAGRADO

SILVA, Rafaela Leal da¹

Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema.
(José de Alencar)

1. ALENCAR E O ROMANCE INDIANISTA NACIONAL

José de Alencar é um dos maiores representantes da corrente literária indianista no Romantismo Brasileiro. Visando a estabelecer uma linguagem nacional brasileira, Alencar consolidou a modalidade do gênero “romance” no país. Para tanto, o autor utiliza o índio como símbolo da nação brasileira, demonstrando a idealização heroica através do romance *Iracema*, e de como é essencial à valorização dos atributos nacionais: a natureza e a íntima comunhão com o colonizador. O discurso literário de Alencar, na obra analisada, tem papel fundamental no processo de construção da ficção literária brasileira, uma vez que o autor se vale de uma modalização épica do discurso literário, mesclando-os a uma conformação lírica na composição do romance *Iracema*.

O referido romance foi publicado por Alencar em 1865. A obra é considerada por muitos “um poema em prosa”. A trágica história da bela índia apaixonada pelo guerreiro branco é narrada por Alencar com o ritmo e a força de imagens próprios da poesia. O livro está inserido num contexto em que fala das origens da nação brasileira em linguagem simbólica. Ao ter escrito *Iracema*, José de Alencar buscou evidenciar as origens do Brasil, retratando alegoricamente a formação do Ceará. Moacir, filho do relacionamento do branco (Martim) com o índio (Iracema) é o “primeiro cearense”. Nessa conjuntura de contatos entre colonizador e colonizado, a conquista da terra pelo branco, ocorrida no início do século XVII, deu-se através de lutas sangrentas, em que os portugueses contaram com a valiosa ajuda dos índios pitiguaras, que habitavam o litoral cearense. Na verdade, essas lutas se estruturaram de formas épicas no enredo de *Iracema*.

¹ Aluna da Graduação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. Este artigo é o resultado de parte da pesquisa PIBIC intitulada: *O ideário nacionalista do indianismo em Alencar: modalização épica em prosa romântica*, a partir da cota 2011/2012. Contudo, a pesquisa teve maior aprofundamento e finalização na cota 2012/2013.

O presente artigo busca enfatizar como se constrói a matéria épica no romance *Iracema*, partindo dos seguintes pressupostos: a) a construção do ideário nacionalista e indianista de José de Alencar; b) as representações coletivas na obra *Iracema*; c) a decisão de Iracema sobre o próprio destino; d) a apreciação alegórica no romance *Iracema*; e) a constituição da matéria épica em Iracema, através do plano histórico e do plano mítico (maravilhoso) no romance *Iracema*; f) a simbologia do sagrado em Iracema: o segredo da Jurema e o mistério do sonho.

Todos esses elementos propõem esclarecer e confirmar na narrativa romanesca brasileira uma inclinação à fundação, através da alegorização da tradição mítica, como também inserir um “argumento histórico”, representando estruturalmente ambos os planos as origens do Brasil, por meio de suas matérias épicas. O projeto estético de José de Alencar diz respeito à idealização mítico-poética que está essencialmente vinculada à manifestação do sagrado, da virgem Iracema, numa verossimilhança referencial da historiografia colonial e intimamente intrincada pelos planos que compõem a matéria épica.

1.1 Construção do ideário nacionalista e indianista de José de Alencar

Alencar, através de uma perspectiva histórica e de um romantismo selvagem, buscou traçar a identidade nacional por meio da figura do índio e, nesse contexto, o romance *Iracema* tem sua expressão mais proeminente, haja vista que, além de explorar o contexto da formação da nação brasileira, trabalha com a dimensão histórica e mítica numa roupagem épica do indianismo. Segundo Alfredo Bosi (2006, p. 190),

a oscilação de Alencar entre a sua perspectiva histórica e um romantismo selvagem, pré-social, resolve-se, enfim, pelo segundo polo, que está contido no primeiro, na medida em que o primitivo natural é ainda mais remoto, mais puro, logo mais romântico que a simples evocação dos tempos antigos.

Desse modo, compreende-se que a visão de Alencar, ao construir um ideário nacionalista, está na necessidade em demonstrar que a pátria brasileira define historicamente a representação de um herói (o índio), sendo posto como elemento formador da nacionalidade. É no romance *Iracema* que Alencar lança mão da criação de uma heroína que, em sua conformação épica, porque grandiosa e fundacional, estava destinada a se mesclar com o colonizador europeu (Martim) e dar origem ao primeiro brasileiro mestiço (Moacir).

A intenção de José de Alencar ao compor o romance em análise foi exatamente exibir a formação da evolução da sociedade brasileira através de fatos históricos traçados na narrativa. Para isso, utiliza-se de estratégias como a exaltação da natureza e do índio; por conseguinte, conferindo-lhe grandeza e orgulho resultantes desta formação. Seleciona centenas de léxicos tupis, acrescentando ao romance a dialeção da língua portuguesa em sua modalidade brasileira, como variante que conta com forte tradição. Os traços ideológicos do autor estão nas marcas de seu projeto estético, que é político, numa orquestração de símbolos e metáforas nacionais, marcando oposição à cultura europeia, seja pela exuberância da natureza, seja pela valentia e caráter indígenas. Logo, a marca ideológica desse romance está incutida na tipicidade dos elementos e saberes locais, revestindo-lhe de nacionalismo.

O autor se dispôs de uma habilidade ao escrever *Iracema*, pois, além de representar o nascimento da nação brasileira através da modalização épica do discurso literário, buscou aparelhar a edificação da identidade nacional. Assim, a narrativa indianista “traduz a vontade profunda do brasileiro de perpetuar a convenção que dá a um país de mestiços o álibi duma raça heroica, e a uma nação de história curta, a profundidade do tempo literário” (CANDIDO, 2007, p. 202).

Nessa perspectiva, compreendemos que Alencar eleva o índio a uma posição de herói ante a figura do colonizador português, ombreando-os para dar legitimidade à raça mestiça brasileira, que nasce da dominação e controle de corpos e almas das gentes colonizadas.

Alencar exhibe em seu discurso a ambiguidade pretendida de seu projeto estético, uma vez que lança mão de referentes históricos para alçar o índio a uma condição de herói que se nivela com o colonizador português, porque precisa dar as condições heroicas para que os dois sirvam à condição apropriada de gerar o elemento tipicamente brasileiro. A intenção do autor é óbvia: criar o mito da miscigenação, através de um discurso dominante e formador de opinião, para respaldar a fundação do ideário nacionalista.

O autor deixa explícito aos leitores do romance analisado os fatores preconceituosos que fazem parte da formação da cultura brasileira e, mais ainda, as origens nos mitos de formação.

Na elaboração do discurso literário alencariano, na especificidade do estilo autoral de *Iracema*, o que se compreende primordialmente é o posicionamento acerca das relações discursivas. É necessário haver uma reflexão da identidade coletiva pela literatura para que a formação épica do discurso literário se consolide. O Brasil que buscava sua “cor local” no século XIX percebeu que, no romance *Iracema*, de José de Alencar, o autor propôs a criação de uma heroína romântica de princípios que foram capazes de conspirar contra suas origens, abandonando-as para salvar o herói português (Martim).

1.2 As representações coletivas na obra *Iracema*

As representações coletivas presentes na obra *Iracema*, de José de Alencar, projetam um discurso que busca a “essência do nacional”, construindo, assim, a imagem da nação brasileira, utilizando para tanto o índio como símbolo do “bom selvagem” para representar a natureza exuberante do Brasil.

A formação épica do discurso literário brasileiro consigna as identidades coletivas, partindo de dois pressupostos que se entrelaçam: a caracterização do indígena que residia no território brasileiro antes da chegada do colonizador europeu e a caracterização do colonizador português, aquele que veio ao Brasil em busca de interesses materiais.

Segundo Alfredo Bosi (2006, p. 177),

[...] o esperável seria que o índio ocupasse o imaginário pós-colonial alencariano da emancipação, o lugar que lhe competia, o papel de rebelde. Era, afinal, o nativo por excelência em face do invasor; o *americano*, como se chamava, metonimicamente, *versus* o europeu.

Desse modo, podemos depreender que o índio é o componente coletivo que, associado à natureza, expressa uma dimensão mítica do século XIX que transcende a própria realidade colonial, conferindo ao Brasil a possibilidade de nação independente.

No projeto estético de Alencar de vertente indianista, as representações coletivas se dão pela junção de três elementos essenciais: o índio, o colonizador e a natureza. As nacionalidades se conformam em um cadinho de fatores que alimentam a mixagem cultural dos elementos endógenos e exógenos. A personagem Iracema simboliza a representação das coletividades indígenas como ideário mais nacionalista do que nativista, porquanto o português não seja o tipo étnico local.

Ademais, o pitoresco, a paisagem, os nomes dos lugares, a exuberância da fauna e da flora são artifícios metafóricos das riquezas locais, da potência da brasilidade, que também simbolizam o coletivismo encontrado no enredo. Portanto, tais representações convocam-nos a pensar a brasilidade no século XIX.

Iracema é uma narrativa que encena o período do descobrimento. Alencar relata como se deu o encontro entre a índia (Iracema), que já habitava a terra, com o português (Martim): “[...] diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas” (ALENCAR, 1989, p. 17). O encontro exprime a

representação coletiva nessa obra, centrada nesses dois amantes e através da analogia feita com os elementos da natureza para com a figura do índio. Desse encontro de Iracema com Martim, nasce Moacir (filho da dor), que simboliza a mistura de raças para a nação brasileira e o trauma da conquista territorial dessas paragens.

Fator interessante é observar, no início do romance, quando o narrador apresenta que Iracema é “uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares” (ALENCAR, 1989, p. 16). Esse recurso utilizado por José de Alencar no romance conserva a memória coletiva que se faz presente na tradição oral. O coletivismo também se encontra vigente a partir do momento em que o autor remete-nos à memória dos eventos de fundação, recorrendo a fatos e personagens históricos, como faz com Martim Soares Moreno e com o índio Poti que, no final do romance, adota o nome cristão de Antônio Felipe Camarão, trazendo fidedignidade ao que é relatado pelo narrador.

Na narrativa, Iracema é a guardiã do segredo da Jurema e do mistério do sonho. Ela desempenha um papel fundamental na aldeia Tabajara: além de ser virgem e filha do Pajé Araquém, é somente por meio de suas mãos que se fabrica a bebida de Tupã (que provoca sonhos intensos, como se fossem reais). O guerreiro português Martim desperta o amor em Iracema e a dedicação do índio Pitiguara Poti.

Por fim, vale salientar que a construção da identidade coletiva em *Iracema* configura uma imagem do índio intimamente ligada à natureza, como se a ela pertencesse definitivamente; ao contrário, o mestiço celebraria a entrada do autóctone na cultura, haja vista a herança genética do europeu na mistura. O filho da dor, Moacir, é o emblema da identidade nacional, que surge do relacionamento inter-racial entre Iracema e Martim.

O complexo coletivo em *Iracema*, também está no mapeamento que Alencar faz dos elementos nacionais e não meramente do pitoresco, mas no uso que essas paisagens, sabores, cores e costumes possibilitam para a construção da identidade nacional, num patamar estético-literário que também é político.

1.3 A decisão de Iracema sobre o próprio destino: a alegoria do martírio

A construção da imagem indígena e do português no romance é realizada por antagonismos, mostrando o português como cristão/civilizado e o índio como pagão. Mesmo Alencar valorizando o índio em sua obra, há nas entrelinhas do seu discurso a diferenciação no estabelecimento dos mundos do colonizador (Martim) e do índio (Iracema).

Para conferir em *Iracema* o projeto nacionalista de Alencar, ele fez com que a heroína se entregasse amorosa e incondicionalmente ao branco, deixando sua tradição e, mais radicalmente, rompendo com o *segredo da Jurema*, uma vez que Martim, sob o efeito do vinho de Tupã, “possui” Iracema, como ao colonizador é consignada metaforicamente a posse das terras.

É no uso desses artifícios de adesão que o índio é submetido ao jugo do colonizador, implicando um sacrifício por ele empreendido, com os riscos do sofrimento e da morte trágica em nome da causa de um benefício maior: a nação brasileira. Em relação a esse aspecto, Alfredo Bosi (2006, p. 179) identifica na mitologia romântica de Alencar, um complexo sacrificial: “O risco de sofrimento e morte é aceito pelo selvagem sem qualquer hesitação, como se a sua atitude devota para com o branco representasse o cumprimento de um destino, que Alencar apresenta em termos heroicos e idílicos”.

Assim, para Alencar, o índio é aquele que se sacrifica de corpo e alma para servir ao colonizador. Iracema configura toda a devoção sacrificial explanada por Bosi. A índia rompe com todos os preceitos de sua nação Tabajara por amor a Martim, e, no desfecho da história, morre de tristeza, debilitada, sem forças após o nascimento de Moacir, fruto da entrega amorosa a Martim. Devido a essa relação com o português, Iracema se comporta de forma servil em benefício do colonizador.

A obra *Iracema* por si só constitui uma demonstração de como a índia se entregou fielmente ao colonizador Martim, que abandonou a Europa para viver esse amor e dar a vida ao primeiro cearense (Moacir), o qual representa, por sua vez, as origens da nação brasileira.

1.4 A alegoria em Iracema

A alegoria presente na heroína indígena *Iracema* constitui-se com traços épicos que constroem, expressam os discursos, as imagens e os fatos na figura nacional do índio. Essa alegoria é marcada pela evocação de um passado nacional nostálgico, como distanciamento épico que remete às origens, a um sentimento nativista representado por Alencar através do uso da linguagem indígena, das imagens da natureza e da menção ao índio como herói e símbolo de uma identidade nacional, formador de um perfil idealizado na prosa romântica. Para João Adolfo Hansen (2006, p. 08), “a alegoria é um procedimento de construção e de interpretação de discursos e imagens”. Partindo dessa definição, os elementos alegóricos que compõem a obra *Iracema* configuram um projeto de construção da pátria brasileira, bem como sua simbologia, por meio de um mito forjado: o de que Iracema guarda “o segredo da

Jurema”, segredo este importante para a sua tribo Tabajara, como também para a sua cultura. Esse mito é elaborado na narrativa de maneira intencional por parte de José de Alencar e tem função alegórica.

De acordo com Hansen (2006), existem dois tipos de alegoria: a alegoria como construção e a alegoria como interpretação. A primeira permite a identificação de discursos e imagens como uma técnica verbal, isto é, por meio da construção de uma metáfora que dá sentido a qualquer obra. Já como forma de interpretação, a alegoria corresponde a uma técnica que avalia os fatos de coisas, homens e acontecimentos de tempos diferentes.

Levando em consideração a obra analisada, Alencar utiliza a alegoria como forma de construção, tendo em vista que, a partir de um discurso épico (histórico e mítico), busca enfatizar um pensamento nacionalista e construtor de uma transparência das imagens pictóricas (a natureza evidenciada em *Iracema*) e ao texto como um todo, ambos presentes na heroína indígena.

Por um viés de construção de uma identidade brasileira, a obra *Iracema* é uma alegoria que diz respeito ao elemento colonizado (o gentio), numa esfera maravilhosa em que a personagem da índia perde o segredo da Jurema em propósito do colonizador (Martim), que ocupa a esfera histórica. A face mítica no romance também produz uma analogia do índio com a natureza exuberante brasileira, conduzindo a uma expressão lírica de nacionalidade e de romantismo.

A mãe simbólica do brasileiro, personificada na personagem Iracema, é considerada como fator fundador e construtor do conceito de nacionalidade. Outrossim, a morte de Iracema simboliza uma morte alegórica desta “América” mítica, pois a morte é algo que ocorreu para Iracema como uma pena por causa de sua entrega a Martim. É notório que, ao desrespeitar a lei sagrada de sua tribo Tabajara, tanto pelo aspecto cultural quanto pelo religioso, a índia condena-se à morte, ganhando o status de personagem transgressora da tradição local, mas lançando-se ao martírio heroico de seu destino.

Iracema é uma figura que está intimamente relacionada aos aspectos imaginários da natureza alegórica; enquanto a índia é associada à natureza, Martim representa a ruptura histórica com a metrópole, ao passo que, no primeiro contato com Iracema, entramos em contato com o medo e com a ameaça à nativa. Diante disso, é possível constatar uma metáfora que faz parte do recurso alegórico no seguinte aspecto: os nativos que residiam no Brasil antes do contato com o colonizador português, prezavam enraizar sua cultura, sobretudo na terra a que pertenciam os mesmos, e que o homem branco procurou colonizar, modificar a tradição local.

Portanto, *Iracema* seria a metáfora do trauma primordial e depois da América colonizada, aquela que adquiriu uma posição de súdita, através de suas características de “boa selvagem”. Aspecto relevante a essa questão é o fato de que essas caracterizações de *Iracema* e *Martim*, no reconhecimento da ideologia vigente, presumem o percurso que visa ao discurso amoroso como pano de fundo da conquista da Independência, sobretudo de uma literatura que se pretendia brasileira.

Sobre o prisma do romance nacional, o romance *Iracema* se pauta de um registro maravilhoso que reconstrói uma trajetória da consciência coletiva local. O argumento alegórico traça, na tradição indígena, os ideais da nacionalidade, projetados na retratação do Brasil em seu período de colonização.

José de Alencar buscou identificar, sob um patamar histórico, os elementos que edificassem um “romance de fundação”, ou seja, a obra *Iracema*. Foi assim que a alegoria de *Iracema* como mãe da nação brasileira surgiu, como alegoria de valorização dos traços autóctones, num mapeamento dos atributos nacionais, e não somente do pitoresco.

Outro fato fundamental para o entendimento da alegorização em *Iracema* é o “amor” entre ela e *Martim*. Esse sentimento assume um caráter identitário, pois é por esse amor que a índia desempenha um papel de valentia, heroísmo e, também, é esse o recurso constituinte da formação da nação. *Moacir*, filho do português com a índia, é a metáfora da brasilidade, é o “fruto” da nova raça que, diante do processo de colonização, ganhou significado de última esperança.

Iracema é produzida através da formação do discurso literário. Desse modo, a alegoria é a técnica estruturante da narrativa, que representa a figura do colonizador ante ao colonizado (*Iracema*). Além disso, os recursos utilizados por José de Alencar para evidenciar a exuberante natureza brasileira e a adesão da linguagem tupi predominante no romance conduzem a uma percepção de que, para se construir um monumento literário, bem como sua construção e interpretação do corpus literário, faz-se necessário recorrer a um discurso metafórico a que a própria alegoria remete. Essa alegorização é para fazer com que o leitor compreenda, através da história de um passado, a existência de heróis míticos (personagens indígenas) na construção da identidade nacional, por meio de uma literatura que se engajou num projeto de emancipação em virtude da expressão luso-brasileira, da qual se pretendia fugir.

2. A CONSTITUIÇÃO DA MATÉRIA ÉPICA EM *IRACEMA*

A matéria épica é uma unidade articulatória constituída de um efeito histórico e de uma aderência mítica, na qual esses dois elementos são as fontes que alimentam o plano histórico e o plano maravilhoso da narrativa na literatura. Para Vasconcelos & Ramalho (2007, p. 54), “a matéria épica tem, assim, uma dimensão real e uma mítica, e se caracteriza pela fusão dessas duas dimensões”. Mormente, a formação épica do discurso literário necessita de referenciais históricos e simbólicos no processo da tradição cultural, mas que, de algum modo, podem ser unificados literariamente.

A caracterização do discurso épico está vigorada numa natureza híbrida, ou seja, apresenta uma dupla instância de enunciação, a narrativa e a lírica, mesclando, por esse fator, os gêneros narrativo e lírico em suas possíveis manifestações. Além disso, o discurso épico é engendrado em três planos estruturais: o histórico (em que se manifesta a dimensão do real da matéria épica), o maravilhoso (que denota a dimensão mítica) e o literário (em que se manifesta a intervenção criadora do poeta). É por meio da fusão das dimensões real e mítica que a formação épica do discurso literário é exibida no romance *Iracema*, pois é a transcendência da heroína indígena e a manifestação do maravilhoso que demarcam o aparecimento da epicidade no romance analisado.

De acordo com Vasconcelos & Ramalho (2007, p. 64),

o conceito de epopeia remete a uma realização literária específica de uma matéria épica, já a matéria épica acontece num nível de realidade objetiva e se dá mediante a um recurso pronto que o poeta realiza literariamente na epopeia, na composição da obra.

Assim, a compreensão dessas definições é essencial no que diz respeito à natureza épica e fazem com que o leitor/pesquisador entenda o real significado das identidades culturais nas produções literárias, como o aproveitamento das narrativas de tradição oral, a narração de fatos heroicos e nacionais relacionados a feitos guerreiros, a apresentação de um plano maravilhoso, criado pela intervenção de forças sobrenaturais na ação épica e, por fim, a realização de um enlace do nacional e do universal.

As transformações da epopeia ao longo de seu curso se deram em diferentes concepções literárias, que contaminaram o discurso épico em suas diversas manifestações e que, por outro viés, propiciou uma natural evolução das sociedades modernas, condicionando a experiência humana a direcionamentos socioculturais.

Partindo da “teoria do discurso épico”, de Vasconcelos & Ramalho (2007), observamos que o sujeito da ação épica, para ser herói, necessita agenciar as duas dimensões da matéria épica, o que exige dele a percepção de uma dupla condição existencial: a histórica, para que haja a realização do feito histórico, e a mítica, fundamental para a realização do feito maravilhoso.

Para que o herói alcance um estatuto épico, é primordial que pise no plano maravilhoso, ou seja, passe do plano histórico para o maravilhoso, provando a transfiguração mítica que o resgata da consumação do tempo histórico, conferindo-lhe a imortalidade épica. É importante ressaltar que o herói épico não pode prescindir de nenhum de seus atributos, sob pena de perder a heroicidade, pois é sua permanência heroica que define a forma épica do objeto literário.

As modificações da identidade heroica estão correlacionadas com as alterações na constituição social do sujeito histórico, culminando numa crise generalizada de identidade cultural e individual da atualidade.

A ação heroica não pode ser vista como uma reprodução, tendo em vista que as representações socioculturais indicam e inscrevem as subjetividades como superpostas e relacionadas umas com as outras, construindo uma perspectiva de nova individualidade heroica.

Portanto, percebemos que a formação épica do discurso literário está presente no romance *Iracema*, através da íntima relação entre o plano histórico (época da colonização) e o plano mítico (o segredo da Jurema e o mistério do sonho como símbolos do maravilhoso).

José de Alencar, no século XIX, transformou o índio no herói que permitiu a valorização dos elementos locais na constituição da nação brasileira. Essa premissa teve como suporte o uso de um discurso literário de proporções épicas, modalizando os elementos coletivos para o que se pretendia evidenciar: a emancipação da nação e de sua literatura.

Na gênese do romance *Iracema*, há a incidência da modalização épica no mito fundador da nação. Criam-se as condições de se fabular sobre o passado histórico, a partir de um repertório maravilhoso e heroico. A relação da índia como o português possibilita o nascimento do primeiro brasileiro (Moacir), símbolo da fusão de raças.

A modalização épica é acionada através dos elementos que conjecturam a comunhão dos traços da heroína aos da natureza. Assim, *Iracema* é a representação da comunhão com a beleza da paisagem brasileira (a virgem dos lábios de mel, que possui os cabelos mais negros que a asa da graúna).

A “lenda do Ceará”, como é subtitulada a história de Iracema, traduz o destino de um povo mestiço, a predestinação na simbologia do novo descendente (Moacir). Alencar emprega uma nova forma literária para expressar uma recriação de sentimentalismo, da imaginação, no romance *Iracema*.

A projeção da modalização épica que vigora na obra anuncia uma coletividade expressa na conformidade entre natureza e homem, convergindo para o heroísmo a que os personagens estão submetidos pelo tratamento estético e discursivo.

Segundo Josi Aderaldo Castello (1999, p. 266), “A concepção tradicional do herói, tomada pelos poemas épicos clássicos, funde-se com ideais cavaleirescos, no sentido de acentuar a seleção de valores e sentimentos comuns”.

Por essa observação, somos capazes de perceber que o índio também é componente de formação da brasilidade na literatura, através do gênero romanesco, mas com a modalização dos recursos discursivos que permitem a apreciação de elementos épicos na constituição do romance em análise. Assim, existe uma proliferação de traços épicos na composição romanesca da obra indianista *Iracema*, embora esta não propriamente corresponda ao enquadramento no gênero épico.

2.1 Plano histórico e maravilhoso da narrativa

A dimensão histórica em que se insere a obra *Iracema* é a época da colonização, demarcando as origens da nação brasileira em linguagem simbólica, especificamente no século XVII. O componente indígena, com a figura de Iracema, representa a natureza virgem e inocente do Brasil, enquanto o colonizador português Martim simboliza a cultura europeia. A relação de Iracema com Martim serve de alegoria e significa a junção das raças para a formação do povo brasileiro, com o nascimento do filho do casal, Moacir.

Uma ocorrência no romance bastante interessante para alguns críticos literários é a palavra Iracema, que designa um anagrama de América. Esse fato, para tais críticos, é proposital. O livro constitui, portanto, uma metáfora sobre a colonização americana. No desdobramento da história e, principalmente, em seu desfecho, há menção da caracterização de uma história local, haja vista que a narrativa transcorre no estado do Ceará, local de nascimento de José de Alencar. Além disso, há referência a personagens históricos, como Martim Soares Moreno, que foi um dos excelentes cabos portugueses que libertaram o Brasil da invasão holandesa.

O “Argumento Histórico” nas páginas iniciais do livro, como ressalta Maria Aparecida Ribeiro (2010) no artigo *Projeto e realização épica em José de Alencar*, salienta que o romance *Iracema* embasa-se num fato histórico que trata da primeira expedição ao Ceará, da qual Martim participa. Os fatos, espaços e datas também situam a obra num plano histórico.

A construção da “lenda do Ceará”, como é subtitulada a narrativa, remete à composição da matéria épica, possibilitando a volta ao passado glorioso para construção de uma identidade e compreensão acerca de como se deu o surgimento da sociedade brasileira, de como se formou e como evoluiu até o período de independência dos Dezenove.

A dimensão mítica, por sua vez, no romance em estudo, gira em torno da índia heroína e do maravilhoso, condensado na planta Jurema (através da qual se produz o vinho de Tupã, bebida alucinógena que faz os índios terem sonhos profundos e que, de certa forma, aproximam-se da realidade). Iracema é a única que guarda o segredo da Jurema e o mistério do sonho, fato que representa a religiosidade de sua tribo Tabajara, com a presença dos deuses indígenas que simbolizam as forças da natureza. Toda essa explanação mítica explica o sacrifício que Iracema faz em prol do amor que sente por Martim. A índia abandona sua tribo, num complexo de entrega total ao colonizador.

Para Alfredo Bosi (2006, p.180),

o mito alencariano reúne, sob a imagem comum do herói, o *colonizador*², tido como generoso feudatário, e o *colonizado*, visto, ao mesmo tempo, como súdito fiel e bom selvagem. Na outra face, que contempla a invenção, traz o mito signos produzidos conforme uma semântica analógica, sendo um processo figural, uma expressão romanesca, uma imagem poética.

É relevante notar que, diante do plano histórico e do plano maravilhoso presentes em *Iracema*, existe uma consonância entre ambas as dimensões. O nascimento de Moacir concede a fusão de raças e a origem do primeiro brasileiro, num processo de historicidade e simbologia da transcendência de uma realidade passada, cuja finalidade é expor uma visão heroica e discursiva para a formação da nação pós-independente do século XIX.

Buscando nas tradições de um povo, José de Alencar demonstra o quanto o conhecimento da história indígena contribui para a constituição da nacionalidade de uma literatura brasileira. É a partir da mitificação que se conhece, aos poucos, a articulação da

² Grifos do autor.

epicidade, pois é a própria vida do índio, suas crenças, que o fundamentam como componente da natureza.

O panorama mítico que envolve o romance *Iracema* tende a definir um ideário nacionalista, recorrendo ao perfil da heroína indígena para expor a autonomia nacional no contexto literário.

2.2 A simbologia do sagrado: o segredo da Jurema e o mistério do sonho

O plano maravilhoso em que se insere o romance em análise está configurado na preservação da cultura indígena, em que a índia Iracema, pertencente à tribo Tabajara, deve manter-se virgem porque “guarda o segredo da Jurema e o mistério do sonho”. O guerreiro que mantivesse uma relação íntima com a virgem de Tupã morreria, porquanto Iracema simbolizasse a guardiã de sua tribo e de sua cultura. Através das mãos de Iracema, é fabricada para o Pajé a bebida de Tupã, licor alucinógeno produzido a partir da planta Jurema para rituais em sua tribo. O licor faz os índios tabajaras sonharem fatos que se aproximam da realidade.

Todas essas manifestações sagradas revelam o quanto era importante para a tribo Tabajara Iracema manter esse segredo, para que sua tribo não traísse o Deus Tupã e fosse dizimada. Contudo, a índia, ao se apaixonar pelo colonizador, rompe com esses preceitos sagrados e, numa espécie de entrega, relata a Martim: “A virgem de Tupã guarda os sonhos da Jurema que são doces e saborosos!” (ALENCAR, 1989, p. 44).

Esse episódio é um anúncio ao que iria ocorrer posteriormente, pois Iracema, ao proferir para Martim essas palavras, desperta no colonizador um desejo ainda maior de tê-la em seus braços. A índia em seguida leva para o guerreiro branco o licor feito da Jurema, e Martim toma as gotas da amarga bebida. É a partir deste momento que o colonizador “possui” Iracema, em meio aos embalos de seu sonho: “Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema³”.

Assim, essa passagem expressa o exato momento do rompimento do sagrado por parte da índia, em entrega ao amor que sentia por Martim. Conforme a narrativa, em seus lábios estavam o amargo da traição ao Deus Tupã e à cultura de sua tribo, mas, ao mesmo tempo, em seu semblante estava a alegria de estar com o guerreiro branco. É nesse abandono ao sagrado

³ Id. p. 45.

que José de Alencar recria as origens do povo brasileiro, de uma nação brasileira, e traz como principal elemento formador da nação o nascimento de Moacir, fruto da relação entre uma índia, que de inúmeras formas representa uma guerreira nacional, e do colonizador, que embarca num território desconhecido.

O “segredo da Jurema e o mistério do sonho” constituem uma metáfora da alma brasileira, possibilitando ao homem nacional a capacidade de sonhar e ter um contato harmônico com as belezas da natureza e a própria identidade cultural indígena (devido ao rompimento de Iracema com suas tradições), refletindo o início da dominação branca e cristã. É nessa construção que o sagrado e o mítico estão em confluência, numa identificação da guardiã e da heroína de um povo.

Alencar, ao elaborar esse plano maravilhoso baseado na cultura e na religião indígena, buscou no perfil de Iracema retratar o que há de mais importante na formação de uma nova nação: edificar uma heroína indígena que metaforicamente representasse um presente e um passado, e, dessa forma, projetasse o novo futuro do Brasil.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem desenvolvida nesse artigo constitui uma análise discursiva do projeto literário indianista de José de Alencar, pautado na obra *Iracema*. O romance possui os argumentos épico e histórico como sustentação discursiva de seu projeto estético, tendo em vista que Alencar, ao recriar uma heroína indígena, busca demonstrar a formação da nação brasileira por meio do nascimento do primeiro mestiço (Moacir), fruto da relação amorosa entre o elemento colonizador (Martim) e o colonizado (Iracema).

A narrativa, por si só, acontece no século XVI e remete às origens da história nacional. Já no que se refere à epicidade, a obra é construída por José de Alencar com os seguintes aspectos: a presença da heroína indígena, que abandona suas origens para viver com o colonizador (numa espécie de sacrifício em propósito do amor que sente por Martim); a representação coletiva; o plano mítico, que simboliza um dos fatores primordiais para a construção da personagem, sendo a índia vista como um elemento sagrado (guardiã do segredo da Jurema e, por conseguinte, do mistério do sonho) e a dimensão alegórica, compreendida como uma técnica narrativa bastante demarcada na obra para mostrar a figura do colonizador ante ao colonizado. A alegoria, neste caso, apresenta o argumento da “pureza racial” a partir das bases teóricas da biologia, mas com vistas a conferir atributos “inatos” ao

índio, como bravura, honra, coragem determinação, força, entre outros valores constituintes da mentalidade burguesa e cristã do Brasil dos Dezenove.

Todos esses pressupostos são decorrentes da modalização épica do discurso literário alencariano, isto é, o autor não visa a demonstrar o gênero épico, mas a retratar, de forma heroica, a importância do mito e da história na busca pela edificação do nacional.

Nesse sentido, encerramos essas considerações finais afirmando que, na gênese de *Iracema*, há aspectos históricos que fazem a reivindicação poética em nome da natureza e como memória do doloroso nascimento do novo homem no novo mundo. *Iracema* é a guardiã nacional, que representa o mito e a história de um povo, das origens da nação brasileira, que são elucidadas pela literatura e pela demarcação épica.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 36. ed. São Paulo: Ática, 1989.

BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: _____. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 176-193.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

CASTELLO, Josi Aderaldo. **Manifestações literárias do período colonial**. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1999.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. 1. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Projeto e realização épica em José de Alencar. **Revista da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás**. Mato Grosso: [s.n.], 2010.

VASCONCELOS, Anazildo; RAMALHO, Cristina. **História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (v.1).